

# **Pink Bloc e Black Bloc: A imaginação estética em táticas de resistência política**

**Pink Bloc and Black Bloc:  
The aesthetics imagination in tactics political resistance**

*Fátima Costa de Lima*<sup>1</sup>

*Everton Lampe de Araújo*<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo discute iniciativas em que os debates de gênero existem e divergem dentro de organizações populares anti-capitalistas. Apresenta como objetos de análise o *pink bloc* e o *black bloc* como táticas políticas e práticas cênicas - como o uso de máscaras, gestos, corralidades e cenografias – que auferem o modo como o teatro pode contribuir para a estruturação de organizações e movimentos sociais. Os objetivos do artigo são os de desmascarar a criminalização destas experiências coletivas e mostrar usos da imaginação estética em movimentos de periferia contra as políticas públicas de Estados autodenominados democráticos.

**Palavras-chave:** *Pink bloc*; *Black bloc*; práticas cênicas; resistência política; movimentos sociais

## Abstract

The article discusses initiatives in which gender debates exist and diverge within popular anti-capitalist organizations. It presents, as objects of analysis, the *pink bloc* and the *black bloc* as political tactics and scenic practices - such as the use of masks, gestures, choruses and scenographies - that capture how the theater can contribute to the structuring of organizations and social movements. The objectives of the article are to unmask the criminalization of these collective experiences and to show uses of the aesthetic imagination in peripheral movements against the public policies of self-described democratic states.

**Keywords:** *Pink bloc*; *Black bloc*; scenic practices; political resistance; social movements

ISSN: 1414.5731  
E-ISSN: 2358.6958

---

<sup>1</sup> Profa. Dra. Assistente do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC. costadelimafatima@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT/UDESC). evertonlampe@gmail.com

A fim de discutir iniciativas em que os debates de gênero existem e divergem dentro de organizações populares anticapitalistas, apresentamos como objetos de análise as táticas *pink bloc*<sup>3</sup> e *black bloc*<sup>4</sup>. Neste artigo, ambas são consideradas práticas cênicas<sup>5</sup> tanto por sua teatralidade<sup>6</sup> - no uso de elementos como máscaras, gestos, corralidades e cenografias - quanto pelo potencial reflexivo imanente de, por pensarem o mundo de modo diferente, entenderem o teatro de modo diferente. Para as *pink bloc* e os *black bloc*, o teatro é um dos elementos estruturadores de suas ações sociais a partir da imaginação estética que, distinta do que comumente se entende como prática cotidiana, se funda e pertence ao cotidiano dos coletivos que percebem o potencial da comunicação simbólica na resistência social.

O uso dos elementos artísticos nessas táticas tem como objetivo desmascarar as intenções do Estado e seus parceiros – notadamente os grandes veículos de mídia e outras instituições com quem mantém relação conciliatória - que as criminalizam ao considerarem-nas perigo e risco à sociedade como um todo. Se o Estado combate essas táticas como uma espécie de inimigo interno, a mídia deixa de veicular suas ações e, desse modo, oculta as dimensões simbólicas do *pink bloc* e do *black bloc*.

Este artigo pretende contribuir para dar-lhes alguma visibilidade. Ao refletir sobre elas, dedica-se primeiramente a questões de identidade e gênero<sup>7</sup>.

### **Pink bloc e black bloc: surgimento e debates de gênero**

Quanto ao gênero, a primeira questão que se apresenta é: quem são as *pink blocs* e os *black blocs*? Como se identificam?

Segundo Jairo Costa (2010, p. 10), os *black bloc* são coletivos

geralmente formados durante grandes manifestações de esquerda e [que] praticam ação direta: destruição de bancos, joalherias, lanchonetes norte-americanas, depredação de instituições oficiais e empresas multinacionais, shoppings, câmeras de vigilância etc. Essas ações não têm como objetivo atingir pessoas, mas bens de capital. Um dos objetivos do Black Block sempre foi promover grandes prejuízos financeiros às empresas identificadas com o sistema capitalista. Seus ativistas não hesitam em enfrentar diretamente as forças policiais que veem como “o braço armado do capital”. Outra característica do Black Block é seu comportamento diante de grandes batalhas urbanas, movimentando-se concentrados, atacando e dispersando. Em outras palavras, praticando o famoso bater e correr.

<sup>3</sup> Imagens desta tática se encontram em profusão publicadas na Internet. Disponível em: <http://awkwardanarchistmoments.tumblr.com/post/26039032966/a-gui-de-to-anarchist-blocs>. Acesso em: 14 maio 2018.

<sup>4</sup> Imagens desta tática se encontram em profusão publicadas na Internet. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/jovem-tira-blusa-e-declara-apoio-aos-black-blocs-em-parada-gay-no-rio.html>. Acesso: 14 maio 2018.

<sup>5</sup> Sobre as práticas cênicas, a pesquisadora cubana Ileana Diéguez Caballero explica que “a denominação ‘práticas cênicas’ tenta quebrar a sistematização tradicional e procura expressar o conjunto de modalidades cênicas - incluindo as não sistematizadas pela taxonomia teatral - como as performances, intervenções, ações cidadãos e rituais” (Diéguez, 2011, p.14).

<sup>6</sup> Para tratarmos neste artigo de práticas cotidianas, a teatralidade é entendida pela pesquisadora cubana Ileana Caballero Diéguez (2011, p. 172) como não subordinadas às taxionomias teatrais tradicionais, e sim “como dispositivo que é configurado no ato do olhar, por meio do qual são semiotizadas práticas espontâneas que têm uma funcionalidade simbólica imediata. É o olhar que transforma o acontecimento cotidiano em ‘acontecimento teatral’. A teatralidade como produção de acontecimentos reais foi o dispositivo conceitual que susteve a percepção de Artaud quando descrevia o ‘espetáculo total’ de uma ação policial como ‘teatro ideal’. [...] ao mesmo tempo que nos confronta com espaços e acontecimentos que à margem do estético tradicional produz outras formas de comoção real”.

<sup>7</sup> O artigo é resultado parcial da pesquisa de Doutorado de Everton Lampe de Araújo. Fátima Costa de Lima é orientadora da pesquisa.



Integrantes de blocos mascarados em manifestação FORA TEMER, Florianópolis, 2017<sup>8</sup>

As práticas das *pink bloc*, assim como as dos *black bloc*, respondem à necessidade de resistência da sociedade civil perante a violência de Estado<sup>9</sup>. Essa violência é detectada na atuação de empresas e do Estado capitalistas que geram precarização dos serviços públicos, poluição do meio ambiente, grandes catástrofes, especulação imobiliária e disputa de terras que ameaçam a sobrevivência de indígenas<sup>10</sup>, quilombolas<sup>11</sup> e favelados<sup>12</sup>. Como eles, *pink bloc* e *black bloc* são quase invisíveis aos olhos do Estado, invisibilidade resultante de seu ocultamento pelos grandes veículos de mídia.

Então, onde podemos encontrar descritas e divulgadas essas táticas? Em publicações independentes, vídeos e mídias alternativas em que tanto jornalistas quanto audiência se opõem ao discurso e ao poder das grandes emissoras de televisão. Esses veículos de comunicação de massa moldam a consciência social a fim de que sirva e obedeça ao Estado e a instituições privadas parceiras. Do ponto de vista da resistência política à doutrinação midiática, essas mídias via de regra se importam mais com a

<sup>8</sup> Fonte: Gentes Insurgentes. Disponível em: <<https://gentesinsurgentes.wordpress.com/noticias/>>. Acesso em: 06 out. 2018. Fotógrafo: Rubens Lopes.

<sup>9</sup> Sobre a violência como instrumento do Estado, cabe o seguinte comentário de Walter Benjamin (1986, p. 164): “o poder militar tornou-se objeto de crítica não apenas como poder instituinte de um direito, mas foi julgado de maneira talvez ainda mais arrasadora quanto a uma outra função. Pois o que caracteriza o militarismo, que só chegou a ser o que é por causa do serviço militar obrigatório, é uma duplicidade na função da violência. O militarismo é a compulsão para o uso generalizado da violência como um meio para os fins de Estado”.

<sup>10</sup> Ao problematizar a questão sobre “quem é índio no Brasil”, Eduardo Viveiros de Castro (2006, s/p) define que, *a priori*, índios são aqueles que pertencem à toda “comunidade fundada em relações de parentesco ou vizinhança entre seus membros, que mantêm laços histórico-culturais com as organizações sociais indígenas pré-colombianas”. No entanto, na mesma reflexão o antropólogo descreve um movimento de crescente valorização do único contingente populacional nativo, expresso nos seguintes termos: “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”.

<sup>11</sup> Segundo o endereço eletrônico Observatório Quilombola (s/p, s/d), “A partir do texto do artigo 68 da Constituição Federal de 1988 [...] o termo quilombo assumiu um novo significado, não mais atrelado ao conceito de grupos formados por escravos fugidos. Hoje, o termo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos no Brasil, fazendo referência a terras que resultaram da compra por negros libertos; da posse pacífica por ex-escravizados; de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravizados organizados em quilombos.” Quilombolas são indivíduos que povoam os quilombos.

<sup>12</sup> De acordo com o antropólogo Raúl Marquez Porras (2005, s/p), “Mesmo hoje os habitantes das *favelas*, no Brasil, são objeto de um tratamento e uma caracterização degradantes, imagem que é elaborada principalmente pelos representantes do Estado com base na associação dos *favelados* com o crime. [...] um dos elementos que funcionam na construção do estigma é a generalização dos traços desvalorizadores (todo aquele que reside na periferia é um criminoso) e a sua função imediata é, também de modo habitual, a repressão do coletivo afetado”. (Tradução nossa)

manutenção de vidraças de bancos, a limpeza dos muros e o bom funcionamento do comércio do que com o extermínio da população negra e indígena, a falta de moradia, a desigualdade social, as grandes tarifas de transporte público, a violência contra as mulheres e LGBTQ+, e com a violência policial contra professores e trabalhadores. Todos eles/as formam o imenso contingente que se faz representar nas manifestações de rua, as quais denunciam sua injusta condição num regime que requer para si a qualidade de democrático. O resultado é que as manifestações populares de rua não costumam aparecer nas grandes mídias nacionais, o que contribui significativamente para o desinteresse da parte da população que não enfrenta cotidianamente a mesma violência policial, opressão política e exploração social: as elites, a burguesia e a pequena-burguesia.

Segundo Georges Katsiaficas (2006), os *black blocs* surgiram antes das *pink bloc*. Segundo Francis Dupuis-Déri (2003, p. 5),

Os Black Blocs apareceram em Berlim Ocidental durante o inverno de 1980, quando a polícia esvaziou brutalmente as ocupações de militantes do movimento autônomo. Determinados a defender suas casas, esses ativistas formaram os primeiros Black Blocs - uma expressão lançada pela polícia alemã - que enfrentou a polícia em violentos combates de rua.<sup>13</sup>

As pautas são distintas das de outras organizações que se manifestam politicamente, já que no Movimento Autonomista as reivindicações dos trabalhadores se aproximam dos debates feministas, das lutas por moradia, da defesa do meio ambiente e do ativismo contra a globalização.

Desde o início europeu à Batalha de Seattle em 1999 – ano do Carnaval contra o Capital, uma série de manifestações mundiais convocadas pela Ação Global dos Povos (Di Giovanni, 2012) -, das lutas pela democracia no Oriente Médio a eventos mais recentes na América Latina, as táticas *black bloc* aderiram a diversos coletivos, o que acabou por modificar o perfil de seus praticantes. Inicialmente, eram homens jovens; mas, segundo Dupuis-Déri (2003, p. 7),

É difícil avaliar com precisão o perfil sociológico dos participantes do Black Bloc. Parece que são bastante jovens (por volta dos 20 anos, com intervalos de até quinze e cinquenta e cinco anos) e frequentemente estudantes, mas com experiência militante (por exemplo, em jornais radicais e grupos de luta contra o racismo, a brutalidade policial ou os desempregados), muitas mulheres participam da organização dos Black Blocs (cerca de 40% no caso do Quebec) e participam da ação (cerca de 25%). Nas reuniões, o plenário é frequentemente distribuído alternadamente para homens e mulheres, um procedimento que contorna parcialmente a realidade sócio-psicológica de que os homens geralmente se expressam e se afirmam com maior facilidade em público. dá-lhes mais poder de facto num processo deliberativo.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> No original: "Les Black Blocs sont apparus à Berlin Ouest pendant l'hiver de 1980 alors que les policiers vidaient brutalement des squats de militants du mouvement autonome. Décidés à défendre leur logement, ces militants formeront les premiers Black Blocs – expression lancée par la police allemande – qui affronteront les policiers dans de violents combats de rue". (Tradução nossa)

<sup>14</sup> No original: "Il est difficile d'évaluer avec exactitude le profil sociologique des participants aux Black Blocs. Il semble qu'ils soient plutôt jeunes (autour de la vingtaine, avec des écarts jusqu'à quinze et cinquante-cinq ans) et souvent étudiants, mais tout en ayant une expérience militante (par exemple dans des journaux radicaux et des groupes de lutte contre le racisme, contre la brutalité policière ou pour les sans-emploi). De nombreuses femmes participent à l'organisation des Black Blocs (environ 40 % dans le cas du Sommet de Québec) et joignent l'action (environ 25 %). Lors des réunions, la parole est souvent distribuée en alternance aux hommes et aux femmes, une procédure qui permet de contrer partiellement la réalité socio-psychologique selon laquelle les hommes s'expriment et s'affirment généralement avec plus de facilité en public, ce qui leur confère de facto plus de pouvoir dans un processus délibératif". (Tradução nossa)

Ainda que este pesquisador centre sua reflexão sobre a participação de mulheres na perspectiva da realidade canadense, estas são ideias que se encontram em debate e se tornaram centrais com o surgimento do *pink bloc*, cujas demandas são em parte distintas das demandas dos homens cis<sup>15</sup>.

Se os homens cis parecem afirmar-se com mais facilidade em público, as *pink bloc* não naturalizam o fator biológico no que se refere ao protagonismo da ação política e questionam a posição hegemônica masculina e cis de diversas maneiras. A partir da dificuldade histórica da participação da mulher na vida política na dita “civilização ocidental”; as *pink bloc* interrogam a sociedade e o Estado sobre a liberdade reduzida da mulher nos espaços públicos e sobre o confinamento das mulheres dentro da esfera familiar – onde, ainda assim, é subalternizada pelo “homem da casa”.

De acordo com Hannah Arendt (2007, p. 41-12), mesmo “dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois, o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre na medida que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais”. A família estabelecida como ambiente de privação da liberdade, o que se estende à vida política, foi determinada pelas necessidades de sobrevivência humana através do trabalho, da proteção e da reprodução humanas. Mas, no caso particular da família de escravos (o que, no Brasil, inclui questões da ordem étnico-racial), filhos e mulheres não faziam do homem seu chefe, pois sua condição de privação total de liberdade, inclusive na esfera pública, era extensiva e similar à de outros membros da família.

Além disso, a divisão e hierarquização social da liberdade e do poder de expressão entre homens e mulheres não leva em consideração as especificidades de gênero não binárias, como as trans, cujas relações com a fala pública é a de silenciamento histórico. A tática das *pink bloc* supre, pois, a necessidade de outros modos de organização e pautas não contempladas pelos black blocs, pois elas afrontam o comportamento machista com suas piadas discriminatórias e práticas violentas; e, no extremo, sua força física e mortal.

Em comum, as figuras públicas das *pink bloc* e dos *black bloc* compõem

grupos de afinidade que [...] não têm um ‘líder’ que distribua papéis para todos e imponha objetivos coletivos. É durante um processo deliberativo que os membros discutem os riscos que pretendem tomar e decidem quais ações querem tomar”. (Dupuis-Déri, 2003, p. 8)<sup>16</sup>

A descentralização da liderança nessas táticas mostra a possibilidade de outra existência política, outra pedagogia e outro modo de articulação, que valorizam o coletivo. Com diferentes funções nas manifestações, cada tática se configura como um conjunto organizado de ações que partem da necessidade do bloco e do interesse de cada participante. Pequenos grupos permitem a construção de estruturas transitórias que variam da demonstração individual de sensibilidade ao uso da força coletiva. De acordo com Dupuis-Déri (2003, p. 10),

<sup>15</sup> Sobre o termo, Jaqueline Gomes de Jesus (2009, p. 10) informa que “Chamamos de cisgênero, ou de ‘cis’, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Como já foi comentado anteriormente, nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero”.

<sup>16</sup> No original: “groupes d’affinité qui [...] n’a pas de «chef» qui distribuerait les rôles à chacun et imposerait les objectifs collectifs. C’est au cours d’un processus délibératif que les membres discutent des risques qu’ils entendent prendre et qu’ils décident du type d’actions qu’ils désirent mener”. (Tradução nossa)

Os Black blocs nem sempre usam força: são pelo respeito da diversidade das táticas e consideram apropriado que de acordo com as sensibilidades e as lógicas de cada um, alguns expressem pacificamente e outros se expressem pela força (os membros dos Black Blocs até se recusam a usar a força sozinhos e unem forças, como por exemplo, enquanto grupos de afinidade de enfermeiros voluntários).<sup>17</sup>

A sensibilidade como fator de organização nas lutas anticapitalistas quebra a unilateralidade da relação entre manifestantes e poder do Estado ao garantir, por exemplo, para além do direito de manifestação, a proteção de crianças e idosos dos ataques da polícia militarizada legitimada pelo Estado. Nesse sentido, essas táticas entendem a manifestação como direito individual, mas com responsabilidade coletiva, o que previne que as finalidades e os interesses da sociedade não se percam no embate físico.

Muitas pessoas podem aderir às duas práticas, *pink bloc* e *black bloc*, pois elas não atuam apenas como coletivos de indivíduos classificados por gênero. Elas se constroem por identificação com alguma demanda local ou global, articuladas em redes sociais, materiais impressos e todo um universo das mídias digitais. A ação articulada entre *pink blocs*, *black blocs* e outros grupos sociais nasceu em Praga, em uma manifestação contra a reunião das cúpulas do FMI e do Banco Mundial (Di Giovanni, 2012). Seu sucesso permitiu que alguns manifestantes alcançassem o Congresso, sua meta final. Este modelo de articulação foi posteriormente reutilizado em outros eventos de ação direta, fundado em resistência festiva e coletiva. No Brasil, as táticas *pink bloc* e *black bloc* ganharam evidência em junho de 2013 e nos anos seguintes, quando atuaram durante dois megaeventos planetários sediados no país: a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos Mundiais, em 2016. Depois, elas reapareceram em manifestações secundaristas e em movimentos sindicais, de camponeses e indígenas, na luta pela terra.

### As práticas cênicas das *pink bloc* e dos *black bloc*

Gradualmente, a festa, o carnaval, a dança e a alegria passaram a fazer parte da identidade dos blocos mascarados, cada vez menos fechados em uma identidade comum. No caso dos blocos rosa, eles realizam ações diretas a partir do entendimento de que o confronto corporal não precisa ser a estratégia central. O uso de máscaras, gestos artísticos, corralidades e cenografias gera uma comunicação que torna a *pink bloc* mais acessível a novos adeptos, que

busca e integra uma variedade de modos de ação dentro da manifestação, mas frequentemente tenta desviar e sabotar com humor e elegância as armas do sistema e esses modos de opressão. Procura superar os falsos limites entre violência e não-violência. Ela quer ser ofensiva, mas em relações de poder muitas vezes desiguais, não opera sistematicamente o confronto direto e o aumento da pressão. Pelo contrário, visa neutralizar as forças policiais através de estratégias de evitação e movimentos constantes. (*Cé quoi un pink bloc?, s/d, s/p*)<sup>18</sup>

<sup>17</sup> No original: "Les Black Blocs n'ont pas toujours recours à la force: ils sont pour le respect de la diversité des tactiques et jugent approprié que, selon les sensibilités et les logiques de chacun, certains manifestent pacifiquement et d'autres s'expriment par la force (des membres de Black Blocs refusent même d'avoir personnellement recours à la force et se regroupent, par exemple, au sein des groupes d'affinité d'infirmiers volontaire". (Tradução nossa)

<sup>18</sup> No original: "Elle recherche et intègre une diversité de modes d'action au sein même du cortège, mais essaie souvent de détourner et de saboter avec humour et élégance les armes du système et ces modes d'oppression. Elle cherche à dépasser les fausses limites entre violence et non-violence. Elle se veut offensive, mais

Porque essas manifestações legítimas correm sempre o risco da violência policial, uma vez que suas pautas se mostram contrárias aos interesses do Estado, as *pink blocs* buscam neutralizar essa violência com práticas não violentas, em detrimento do embate direto (mesmo que nem sempre isto seja possível). Sua resistência não violenta dá preferência a ações, gestos e trajetórias festivas, artísticas, alegres e carnavalescas, pois

O pink bloc se encontra no slogan “se eu não posso dançar, não é a minha revolução” e muitas vezes cria uma atmosfera amigável e energética para os manifestantes e os transeuntes. O pink bloc não tem líder ou representantes, mas é baseado em um conjunto de grupos de afinidade: samba, criadores de barricadas, dançarinos, sequestradores de móveis de rua, equipe jurídica, equipe médica mídia independente. (*Cé quoi un pink bloc?, s/d, s/p*)<sup>19</sup>



Mulheres mascaradas em manifestação FORA TEMER, Florianópolis, 2017<sup>20</sup>

As *pink bloc* priorizam a instauração da festa que se confunde com a revolta. Na sua carnavalização, as táticas de ações diretas encontram na linguagem simbólica imagens no mundo alternativas que negam a verdade urbana capitalista, hierarquizada e conservadora. Nas ruas, artistas criam barricadas, apresentações e mobilização urbana. Equipes jurídicas e médicas as acompanham, e suas ações são registradas pela mídia independente. Desse modo, tentam garantir a legibilidade de sua arte política, a não criminalização dos atos públicos e a segurança das pessoas que se manifestam.

dans des rapports de force souvent inégalitaires, ne court pas systématiquement la confrontation directe et la montée en pression. Elle viserait plutôt à neutraliser les forces policières par des stratégies d'évitement et de mouvements constants". (Tradução nossa)

<sup>19</sup> No original: "Le pink bloc se retrouve dans le slogan "si je ne peux pas danser, ce n'est pas ma révolution" et crée souvent à son passage une atmosphère conviviale et énergique aussi bien pour les manifestant-e-s que pour les passant-e-s. Le pink bloc n'a pas de leader ni de représentant-e-s mais se base sur un ensemble de groupes affinitaires: samba, créateur-euses de barricades, danseur-euses, détourneur-euses de mobilier urbain, équipe légale, médicale, équipe de médias indépendants". (*Cé quoi un pink bloc?, s/d, s/p*) (Tradução nossa)

<sup>20</sup> Fonte: Gentes Insurgentes. Disponível em: <<https://gentesinsurgentes.wordpress.com/noticias/>>. Acesso em: 06 out. 2018. Fotógrafo: Rubens Lopes.



Quase sempre a organização interna não se deixa visibilizar nos atos a fim de evitar a repressão individual a supostas líderes de movimento.

Mesmo sendo parte de uma tática do mascaramento mundialmente reconhecida, não há como prever o grau de adesão da sociedade e os caminhos que os atos, pacíficos ou não, irão tomar. Por isso, as táticas são debatidas e planejadas dentro de

grupos de afinidade que são pequenos grupos de pessoas que se conhecem, confiam uns nos outros e dão um ao outro metas e técnicas de ação específicas para proteger o grupo contra a polícia. Eles planejam dentro das manifestações se comunicar e coordenar por vários meios: sinais, bandeiras, reuniões de delegados do chamado “conselho de raios”, música. Esses sinais são convencionais para cada manifesto e sua evolução é constante. Cada grupo pode decidir a qualquer momento se tornar autônomo a partir do bloco”. (*Cé quoi un pink bloc?, s/d, s/p*)<sup>21</sup>

Relatos de participação de pessoas infiltradas em manifestações com intuito de desmobilizar os coletivos fizeram com que tanto a tática *pink bloc* quanto a *black bloc* reestruturassem uma visão talvez romântica de mobilização autônoma e não centrada. Além disso, uma vez que manifestantes passam a se conhecer e se reconhecer nos/as outros/as, a identificação de posicionamentos e atitudes comuns e/ou diversos podem resultar em adesão ou até em desmobilização do coletivo, inclusive durante as manifestações.

A expansão da pauta a questões de gênero inclui corpos não hegemônicos nos *pink bloc* e reforça a autocrítica dos movimentos mascarados. Por não concorrerem entre si, *pink bloc* e *black bloc* podem reunir-se numa mesma manifestação; mas, a diferença explicitada nas cores de suas máscaras revela também que, nos grupos táticos, posicionamentos são constantemente revistos com a finalidade de falar com e junto a totalidade dos/as oprimidos/as pela sociedade e não exercer violência sobre eles/as.

As táticas de mascaramento em bloco são, sobretudo, práticas de reunião de pessoas que retomam tentativas de participação popular em eventos vivos de ocupação das ruas que chamam a atenção pela sua expressão artística; por isso, via de regra conformam a “vanguarda” ou “linha de frente” das manifestações. Mas, as atitudes “heroicas” desses pequenos grupos revelam contradições. Conforme o Comitê Invisível (2016, p. 196),

Quando a mais cega das repressões se abate sobre nós, evitemos ver nisso a prova conclusiva de nossa radicalidade. Não pensemos que tentam nos destruir. Falemos antes da hipótese de que tentam nos produzir. Produzir-nos enquanto sujeito político, enquanto “anarquistas”, enquanto Black Bloc”, enquanto “antissistema” de modo a nos extrair da população genérica, e nos fixar numa identidade política.

O entendimento radical inverte, pois, destruição em produção. Mas, essa mesma produção pode legitimar sua própria perseguição e, por vezes, reafirmar a repressão ou diferenciar os mascarados da população, afastando-a da responsabilidade e da adesão às manifestações. A criminalização dos blocos como antimodelos da resistência leva ao impasse entre seu “projeto de sociedade” e sua “própria presença” nas ruas.

<sup>21</sup> No original “groupes affinitaires étant des petits groupes de personnes qui se connaissent mutuellement, se font confiance et se donnent des objectifs particuliers d’actions et des techniques de protection du groupe face à la police. Ils avaient prévu au sein du cortège de communiquer et de se coordonner par divers moyens : signes, drapeaux, réunions de délégué-e-s des groupes affinitaires dit “spokes council”, musique. Ces signes sont conventionnels à chaque manif et leur évolution est constante. Chaque groupe peut décider à n’importe quel moment de s’autonomiser du bloc”. (*Cé quoi un pink bloc?, s/d, s/p*) (Tradução nossa)

Segundo o Comitê Invisível (2016, p. 196-197),

Os revolucionários não têm que converter a “população” a partir da exterioridade oca de um “projeto de sociedade”. Eles devem antes partir de sua própria presença, dos lugares que habitam, dos territórios que lhe são familiares, dos laços que os unem ao que acontece em sua volta.

Apoiador e crítico das táticas dos blocos mascarados, o Comitê Invisível vê nos trabalhos locais de emancipação e coletividade o fortalecimento da consciência coletiva. Diferentemente das religiões hegemônicas e dos discursos políticos oficiais, essa consciência se constrói não pela conversão de pessoas, mas através da retomada do desejo de se fazer alguma coisa para transformar a sociedade na ação direta e na manifestação presencial nas ruas.

### **Considerações finais: sobre corpos sem luto num Brasil gore**

No dia 17 de julho de 2018 Flavio Itabaiana, juiz da 27ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, condenou em primeira instância 23 ativistas perseguidos e acusados de corrupção de menores e criação de quadrilha. Entendida como punição exemplar, a criminalização desses ativistas instaura o medo e objetiva colocar fim a uma onda de protestos que se iniciaram em junho de 2013. Ela expõe ainda mais as fissuras do debate entre o direito de manifestação e as retaliações do Estado sobre quem tenta exercer esse direito.

A defesa dos ativistas alega fragilidade das acusações diante dos argumentos da acusação. Tal situação, em meio ao caos das eleições brasileiras para a Presidência da República, se tornou pauta de outros ativistas que acompanham os acontecimentos em inúmeros encontros e mobilizações que se espalham país afora. Recorrendo em liberdade, os acusados lutam contra a perseguição política pelo Estado que, após a destituição da presidente eleita Dilma Rousseff, vem cada vez mais exercendo ações punitivistas e irregularidades antidemocráticas. Neste momento, elas se extremam no discurso do presidente recentemente eleito, que construiu sua vitória eleitoral com falas fascistas, machistas e racistas, além de darem continuidade à ameaça de retirada dos direitos trabalhistas da população brasileira.

Casos mais radicais - como a condenação de onze anos de Rafael Braga, preso ao ser abordado com uma garrafa de desinfetante que utiliza em seu trabalho de limpeza de carros -, reiteram também a belicosidade da atuação do Poder Judiciário que reafirma a violência de Estado contra a maioria dos corpos brasileiros. No extremo, transformam-se em “corpos sem luto” (*cuerpos sin duelo*), expressão com que Caballero (2013) descreve as vítimas das ações violentas e por vezes fatais do amálgama entre Estado e narcotráfico, no México.

É contra a disseminação do luto coletivo e massivo no Brasil, na América Latina e em todo o planeta - como adverte a mexicana Sayak Valencia (2010) em seu “capitalismo gore” - que as táticas *pink bloc* e *black bloc* colocam sua imaginação estética, sua arte e seus próprios corpos em ação direta nas manifestações contra o capital e a violência de Estado.

As reflexões deste artigo, também.

## Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Crítica da violência – crítica do poder*. Tradução de Willi Bolle. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Edusp, Cultrix, 1986, p. 160-175.

CABALLERO, Ileana Diéguez. *Cenários liminares: teatralidades, performance e política*. Tradução de L. A. Alonso e A. Reis. Uberlândia: EDUFU, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos sin duelo: iconografías del dolor*. Argentina: UAM, 2013.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. "No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é". Povos Indígenas do Brasil, agosto de 2006. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/No\\_Brasil\\_todo\\_mundo\\_%C3%A9\\_%C3%AD-ndio.pdf](https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%AD-ndio.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2018.

Cé quoi un pink bloc? Les panthères rose – mouvement queer radical, s/d, s/p. Disponível em: <http://www.lespantheresroses.org/textes/pinkbloc.htm>. Acesso em: 14 maio 2018.

COMITÉ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos crise e insurreição*. Tradução de Edições Anti-páticas. São Paulo: n-1, 2016.

COSTA, Jairo. A tática do black bloc. *Revista Mortal*, outubro de 2010, p. 8-15. Disponível em: [http://issuu.com/revistamortal/docs/revista\\_mortal\\_a?viewMode=magazine](http://issuu.com/revistamortal/docs/revista_mortal_a?viewMode=magazine). Acesso em: 27 fev. 2018.

DI GIOVANNI, Julia Ruiz. *Artes do impossível: protesto de rua no movimento antiglobalização*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2012.

DUPUIS-DÉRI, Francis. Black Blocs: bas les masques. *Mouvements*, 2003, volume 1, número 25, p. 74-80. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-mouvements-2003-1-page-74.htm>. Acesso: 14 maio 2018.

KATSIAFICAS, George. *The subversion of politics: European autonomous social movements and the decolonization of everyday life*. New Jersey, EUA: Humanities Press International, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: [https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_SOBRE\\_IDENTIDADE\\_DE\\_G%C3%8ANERO\\_\\_](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO__)

CONCEITOS\_E\_TERMOS\_-\_2%C2%AA\_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649.  
Acesso:14 maio 2018.

La stratégie du pink bloc. Théorie Queer 101. Disponível em: [www.lespantheresroses.org/textes/callpinkdisruption.html](http://www.lespantheresroses.org/textes/callpinkdisruption.html). Acesso em: 14 maio 2018.

MARQUEZ PORRAS, Raúl. Desorden, barbarie y peligro. La construcción de la marginalidad del favelado en Brasil. *Gazeta de Antropologia*, número 21, artículo 13, 2005. Disponível em: <http://www.gazeta-antropologia.es/?p=2744>. Acesso em: 23 out. 2018.

VALENCIA, Sayak. *Capitalismo gore*. Madrid: Melusina, 2010. O que é quilombo? Observatório quilombola, s/d, s/p. Disponível em: < <http://www.koinonia.org.br/oq/oquilombo.asp> >. Acesso em: 23 out. 2018

Recebido em: 06/11/2018  
Aprovado em: 06/11/2018